

Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ANNO I — 12 DE FEVEREIRO DE 1882 — N.º 52

Gerente-proprietario — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO — Travessa do Monte do Carmo, n.º 38, 2.º

SUMMARY

GRAVURAS:—A casa da camara de Alost; A dona de casa; O avarento; Rotterdam.
TEXTOS:—Actualidades, por Mané; As nossas gravuras; O que se sente n'uma viagem em balão; O domingo historico, por A. O.; Scenas da vida americana, por Alfredo de Brehat; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero.

ACTUALIDADES

Quando se chega ao ultimo dia de cada anno e o Tempo—essa figura fatal, de cabeça calva e longa barba de neve, de fouce ao hombro, mão adunca e descarnada, tendo sempre o fura-bólos em attitude meio-dramatica de quem aponta para diante, para o ignorado, para o mysterioso futuro—e o Tempo volta a sua inseparavel ampulheta, eu gosto muito de ver passar pelo estreito orificio do crystal os grãos d'arcia, mais vivos, mais brilhantes, que todos nós conhecemos.

Aquelle que passa mais depressa, que menos tempo se vê em cima, porque é o primeiro a cahir—é o *Anno bom*.

Depois vemos os *Reis* esperando a sua vez para cahirem lá no lundo e so apparecem passado um anno; e estes grãos de arcia tão nossos conhecidos arrastam na sua queda as nossas queridas illusões de outr'ora, o nosso passado que ainda que muito triste sempre arranja um tom côr de rosa para nos encantar e para nos comover...

Muita gente diz que os passados côr de rosa são banaes e são ficticios. Eu, porém, não me sinto d'essa opinião porque, por muito que um passado nos fizesse sofrer, sempre n'esse ceu toldado sorri uma estrella—como tambem nossa mãe encontra na sua physionomia triste e afflictiva um sorriso bom e luminoso, para nos animar, quando nós estamos no leito, quasi moribundos!

Entre os grãos de arcia que eu vejo proximos a precipitarem-se no reservatorio inferior da ampulheta, ha um que me agrada sobremaneira que se esteja aproximando mais e mais—é o *Entrudo*.

Outra cousa que por ahí acham detestavel, e los-



A CASA DA CAMARA DE ALOST

sil, e idiota, e sensaboróna, e *bête*, profundamente *bête*... mas que todo o mundo espera com interesse!

Esta é que é a verdade. Não ha ninguem que não

diga mal d'este pobre Entrudo, que o não descomponha, que o não avilte, que o não desanque. Não ha ninguem que na sua vida não tenha apontado

um facto, pequeno que seja, em desabono d'estes bons dias que vão chegar, tão alegres e tão ruidosos... e não ha ninguem que se não sorria ao saber que lhe bate á porta o Entrudo.

Não nos devemos admirar. Em todo o paiz, desde Melgaço até Sines, desde Peniche até Elvas, não se encontram dez portuguezes que digam exactamente o que sentem...

—Oh! o vinho que o amigo me mandou, excellente, é excellente! (*E no fundo do poço a consciencia diz em voz de baixo como o sr. Gomes Leal:*) Uma peste! Azêdo que nem se pode beber!

—Entreí hontem na sua quinta, só Affonso! Bonito aquelle chão de batatas! Não ha melhor em toda a freguezia! sabe? só Affonso, preciso de dez moedas... (*E no fundo do poço a consciencia:*) Velhaco! Gabas-lhe as batatas porque queres o dinheiro. Mas as batatas do Alqueidão são muito melhores!

—Lá fui hoje ver a sua peça nova ao Gymnasio. Não é pelo sr. estar presente, mas é engraçadíssima... muito bem architectada! (*E a consciencia a bradar:*) Que grande estopada, a tal peça!

—Vossencia, minha senhora, é um mar de seducções! Os seus formosos cabellos!... a sua esplêndida physionomia!... a sua bocca!... os seus olhos!... o seu formoso corpo!... tudo, enfim, me deslumbrou! (*E a consciencia deitando o olho para a dama:*) Patife! E' côxa! é feia! e tem tres dentes postiços!... Mas tem dinheiro!

—Sr. Mané! Lá vi hoje aquella sua chronica... muito engraçada! muito bem escripta! (*E a consciencia:*) Forte massada!...

O reverso da medalha é identico. Onde se diz que tudo é bom, diga-se que tudo é mau e a consciencia diz o contrario, a não ser no que se refere á chronica, que só fallam verdade os leitores... quando d'ella dizem mal!

Ora o Entrudo é uma quadra muito calumniada e sem razão nenhuma.

Vejam a agitação que já anda por essa cidade. Não se falla senão em bailes, em reuniões.

Um bando de rapazes trata de averiguar as casas onde se recebe, onde se dança, onde se podem dar duas voltas de walsa... Ah! a walsa! o meu eterno *cauchemar*! E esses rapazes ao verem na ampulheta brilhar o tal grãosito d'areia, ao verem-n'o brilhar na ampulheta, parece que até todo o seu corpo sorri e se alegra, e contam com enthusiasmo este baile para hoje, este para amanhã, este para depois, e mais este em tal parte, e mais este em tal sitio, e mais este, e este! e este!...

E' o tempo da folgança ruidosa que os pianos dirigem marcando a milhares de corpos os rythmos vertiginosos e febris, as ondulações largas e velozes d'uma walsa allucinada... Ah! a walsa! o meu eterno *cauchemar*!

Vejam agora esse bando alegre e formoso de raparigas frescas e joviaes. A symphonia da carne e da vida evoluando-se das gargantas argentinas dos vinte annos!

Com que enthusiasmo ellas se encontram, e fallam, e riem, e fazem pequeninas confidencias, e soltam rizadinhas sonoras, como as notas d'ouro d'um guizo caindo n'um suspirar de violinos!... Como ellas estão agora adoraveis, as nossas boas raparigas!

E não pensam senão nos bailes... nas *soirées* ruidosas, radiantes de luz e de sons, onde os hombrós nús e cõr de roza sorriem na alegria da noite, e

onde os setins esfervilham um pequenino ruido imperceptivel e vago que nada pelo ar, como o perfume delicado que uma mulher exhala!

... E não pensam senão nos bailes... estas deliciosas raparigas, nos bailes *masqués* para que andam preparando os seus costumes simples e frescos, os seus fatos de pastorinhas dos Alpes, os seus trages de alsacianas, os seus costumes de Sevilha e de Granada, da Saboia e da Bohemia... ah! os bellos costumes da Bohemia! rutilantes de bellas cachemiras e sonoros de bonitos sequins d'ouro, como o fato da *Perichole*!

... E não pensam senão nos bailes... estas alegres raparigas, nas intrigas que hão de fazer nas salas, na loucura dos *colillons*, quando se dança doadamente, e se sentem os guizos alegres dos *pierrrots* casquinarem no meio d'aquelle leve arrastar de pés sobre os *parquets* encerados ou polidos...

E sentadas gravemente ao longo das paredes eu vejo as pessoas de idade madura, os papás de cincoenta annos e as mamãs de quarenta, que todo o anno se conservaram imperturbaveis e frios, sorrirem agora, sorrirem á vontade, porque veem os filhos alegres, porque não ha nada mais communicativo do que a alegria dos vinte annos quando ella de todo desabrocha, como as madrugadas de abril vibrantes do sangue da manhã, do azul dos ceus infindos, da orchestra deliciosa e estranha da Natureza feliz, onde os bregeiros dos melros tiram das gargantas douradas sons tão vivos e tão perlados, que me parece ouvir silenos tocando, por detraz das ramagens, em frautas de crystal!

Viva o Entrudo!... e vivam as madrugadas!

E agora, leitor, ainda terás animo para dizeses mal d'aquelle bonito grão de areia que vae cahir da ampulheta? Ainda?...

Repara. Ah! vem uma deliciosa rapariguinha intrigar-te um pouco... Vamos! Aperta a *claque* debaixo do braço e espera os ditos. Eil-a que começa...

O que ahí vae de phrases alegres! Como tu tens a tua casaca, chegada ainda ha pouco do Keil! Como tu tens a tua casaca! Crivada d'alfinetes d'ouro com cabeças de diamante... São os ditos da tua mascara! Agora offerece-lhe o braço... e vinte voltas de walsa...

Ah! a walsa! o meu eterno *cauchemar*!

MANÉ.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CASA DA CAMARA DE ALOST. — A pequena cidade belga de Alost é uma garrida e acceiadissima cidade, sentada pittorescamente á beira do Daudre, um dos braços do Escalda, perto dos confins da Flandres oriental ou do Brabant.

Entre os seus edificios notaveis e que apresentam interesse architectonico, devemos mencionar, em primeira linha, a antiga casa da camara, que a nossa gravura representa. A vista é tomada do lado da Torre.

A Torre é do estylo gothico, e data do principio do seculo xiii, como indicam os algarismos doirados 1200, escripta entre as palavras *nec spe, nec metu* (sem esperanza e sem medo), por baixo dos nichos onde se acham as estatuas dos condes de Alost. A parte saliente á direita chamava-se outr'ora a *Breteque*; era alli que se faziam as publicações e as intimações,

alli tambem, habitualmente, os condes de Alost, quando tomavam posse do poder, prestavam juramento aos seus subditos por uma das janellas que ficam em frente da Praça Grande, enquanto pelas outras janellas as auctoridades da cidade e do paiz respondiam, em nome dos seus administrados, jurando fidelidade e submissão aos seus principes.

Uma das ultimas vezes que esta cerimonia se realisou, foi quando Philippe II de Hespanha tomou posse, por ordem de seu pai, o imperador Carlos V, do condado de Alost, um dos seus condados flamengos. A torre do Relogio foifeita em 1487, da mesma forma que a linda tribuna gothica da sua fachada. A torre encerra um carrilhão mechanic, que passa por ter sido o primeiro introduzido em Flandres, e cuja invenção se diz em geral que ascende ao anno de 1469.

Diante da fachada d'este monumento eleva-se a estatua de bronze de Thierry Martens, o primeiro dos impressores belgas, devida ao cinzel do celebre Geefs. A estatua assenta n'um pedestal hexagonal, cercado de uma grade de ferro. A collegiada de S. Martinho, que, se estivesse acabada, seria uma das mais vastas do reino, encerra, na capella de S. Sebastião, o tumulo d'esse celebre typographo. Lê-se n'esse mausoleu a inscripção seguinte, composto, ao que se diz, pelo celebre Erasmo de Rotterdam. «Aqui jaz Thierry Martens, o primeiro impressor da Allemanha, da França e dos Paizes-Baixos, morreu a 28 de maio de 1334.»

Alost era já celebre no fim do seculo ix. Foi uma das cidades que os normandos devastaram, quando se espalharam como uma torrente pela Belgica depois da morte de Balduino Braço de Ferro.

Foi em 1046 que principiou a dynastia dos condes de Alost, feudatarios dos condes de Flandres. Este condado tinha duas cidades Alost e Grammont. Final em 1173 Philippe de Alsacia reuniu-o ao condado de Flandres. Alost foi muitas vezes cercada nos seculos xvi e xvii, e José II em 1706 mandou-lhe arrazar as fortificações.

A DONA DE CASA. — O quadro, que a nossa gravura representa, é uma das obras primas do moderno pintor hollandez Petrus Van Schendel. A especialidade, que este pintor adoptou, foi a dos effeitos de luz. Graças á arte inlinita com que sabia variar os effeitos e reproduzir o jogo mais delicado dos raios luminosos, as suas innumeraveis composições tem um encanto que attrae e que seduz.

As pessoas, pouco familiarizadas com os pequenos mysterios do *atelier*, perguntarão sem duvida como é possível transportar para a tela, por um esforço de memoria, a reproducção exacta d'esses effeitos predilectos de Van Schendel.

Poderia fazer-se a mesma pergunta com relação aos pintores de marinhas que representam nos seus quadros o movimento incessante das vagas ou as furias da tempestade ou o reflexo fugitivo do sol e da lua nas ondas.

Estes ultimos habitua-se a tomar apontamentos como os poetas ou os escriptores. Sentam-se á beira do Oceano, absortos na contemplação das vagas, de braços cruzados, de olhar fixo, pondo alguns signaes n'um livrinho de lembranças. Stenographam até certo ponto os tons, os movimentos, os fremitos da natureza.

Van Schendel tinha outro systema. O *atelier* em que pintava, inundado d'essa viva claridade, que é a primeira condição de um trabalho conveniente, communicava com outro aposento onde mandava fechar tudo, e que illuminava segundo as necessida-

des do seu assumpto com uma lampada ou com uma vela. Depois contemplava, por uma fresta, essa viva exhibição do seu modelo, que reproduzia em seguida no cavallette com prodigiosa exactidão.

Era alem d'isso um desenhador consummado, e ninguém conhecia melhor do que elle os mysteriosos recursos da palheta. Os criticos teem zombado ás vezes da sua maneira, por causa da uniformidade das suas telas, e do character um pouco trivial das suas composições. Maas, admittido o genero, é impossivel rivalisar com Van Schendel na execução d'essas pequenas scenas intimas, muitas das quaes são verdadeiras obras primas de finura e de execução.

O quadro que hoje damos, e que representa uma dona de casa examinando umas aves estendidas em cima de uma meza, á luz de uma vela, provavelmente n'algum mercado nocturno, é uma das mais bellas paginas que o illustre pintor produziu.

O AVARENTO. — A gravura é admiravel, e o quadro soberbissimo. Firma-o Adriano Brawer, um dos mais notaveis pintores da grande escola hollandeza; mas salvo o respeito devido ao immortal artista, a physionomia que elle nos apresenta nunca foi a physionomia de um avarento, é a physionomia de um excellentesueto a quem saiu a sorte grande e que vae tratar de fazer saltar aquelles bons escudos para fóra do sacco. Diante d'aquella cara alegre sente-se que o bom do homem não gosta do dinheiro senão pelos regalos que elle dá e pelos prazeres que proporciona; não é aquelle o Harpagão, nem o Shylock, nem o tio Grandet, nem uma só emfim das muitas variedades do avarento, é o homem satisfeito por ter apanhado um sacco de bons escudos onde se encerra um bom par de regalos e de prazeres.

ROTTERDAM — É uma coisa difficil ter de fallar d'esta notavel cidade hollandeza, depois de se haver fallado de Amsterdam; e dá vontade de concentrar tudo, quanto a seu respeito se possa dizer, n'esta simples e laconica phrase: — *Idem*, em ponto mais pequeno.

Os mesmos canaes por toda a parte, as mesmas pontes, umas levantando-se, outras girando em torno de um eixo no pégo central, outras abrindo aos lados, outras sem abertura; de vetusta construção umas, outras, como a que a nossa estampa representa e que é das principaes da cidade, de construção moderna, fazendo o effeito de um anachronismo a ligar as duas margens, onde as edificações têm o cunho grave e austero de coisas antigas.

Se a isto acrescentarmos ainda, que Rotterdam rivalisa com a primeira cidade dos Paizes-Baixos na sua febre commercial, nos seus ousados empreendimentos para conquistar ás aguas o terreno onde ha de alargar a area do povoado e para depois o garantir das innundações, teremos justificado a concisão da phrase, com que se pôde descrever esta cidade, depois de se haver fallado de Amsterdam.

Se até já lhe chamaram tambem a Veneza septentrional, como á sua competidora das margens do Amstel! Duas rainhas do mar do norte por uma só do Adriatico! mas esta sendo a contemplação, o devaneio, a poesia, as recordações, o passado; e aquellas, as duas cidades hollandezas, sendo a actividade, o commercio, o interesse material, as aspirações e o futuro! Aquella remirando-se, indolente e altiva dos seus palacios de marmore, na onda azulada que reflecte um ceu purissimo; estas, labutando á portia na faina commercial, sob o ceu pardacento e bru-

moso, que dá ás aguas dos seus canaes um tom uniformemente triste e sem brilho, onde a custo se reflectem as escuras construcções de tijolo! Aquella, rainha pela formosura; estas, rainhas pelo diadema glorioso do trabalho!

Lá, nas aguas do Adriatico, percorrem os canaes da monumental cidade dos doges, as gondolas, que dizem prazer, amores, aventuras e caprichos; aqui, em Rotterdam principalmente, fendem os largos canaes, formados pelos braços do Meuse, em hollandez Mas, apenas navios de alto bordo, que vêm, dos mais afastados confins dos mares, fundear ás portas dos armazens, dentro das ruas principaes da cidade.

É esta a feição mais caracteristica de Rotterdam; era este facil accesso dos barcos de todas as lotações que lhe dava vantagem sobre Amsterdam.

Situada na confluncia do Rotte ou Rotter, com o Meuse, recebendo o seu nome de baptismo do primeiro dique, *dam*, que se poz áquelle rio para não inundar o pequeno povoado primitivo, que data do seculo X, Rotterdam levantou-se breve pela actividade commercial, e pela facilidade com que soube dispensar a fadiga de baldeações, julgando mais simples, rasgar, pelos seus canaes, o caminho sem impedimentos aos mais alterosos vasos, até ao coração da cidade.

Imagine-se a surpresa que experimentaria um estrangeiro, que, chegando a Lisboa de noite e indo pousar ao hotel dos Irmãos Unidos, por exemplo, visse, no outro dia, ao levantar-se, defronte das suas janellas, no largo do Rocio, a mastreação de uma barca ou de uma galera, que tivesse chegado das Indias, da America ou da Oceania, e ter se-ha definida a sensação que produz aos viajantes a cidade de Rotterdam, onde se depara com um navio a cada esquina.

E Amsterdam, apercebendo-se da enormidade d'essa vantagem, não hesitou, e empreendeu aquelles collossaes, aquelles increditaveis trabalhos do grande canal de Ymuiden, que põe o mar do norte em contacto com a cidade, favorecendo o accesso aos navios de mais avultada tonelagem. Mas Rotterdam não lhe ficou atraz, e tratou logo, por meio de grandes empreendimentos hydraulicos, de facilitar ainda mais as suas communicações maritimas.

Não mencionaremos agora o Leuven-Haven, o Win-Haven, o Scheepmakers-Haven, e todos os outros canaes, que são como que as arterias, por onde circula a riqueza da cidade; não citaremos a Hoogstraet, ou rua alta, situada sobre o grande dique, feito para proteger a cidade das innundações; como não fallaremos tambem da sua modesta historia guerreira, desde que os flamengos a tomaram em 1297, até que os francezes se apoderaram d'ella em 1794, sob o commando do general Bonneau, que conduziu o exercito invasor, por sobre o gelo, até quasi ao pé dos seus muros.

Queríamos fallar da arte, da arte que teve sempre tão admiraveis cultores nos Paizes-Baixos; mas o palacio Schieland, onde existia o museu, legado á cidade, em 1847, pelo conselheiro Boymans, foi presa das chammas em 1864, no dia 16 de fevereiro; e, apesar de alguns Hobbema, Baekhuizen, Ruysch, van Everdingen, e Cuyt, salvos do incendio, onde se perderam telas preciosas de Ruysdael, de van de Velde, de Carel Fabricius, quee tem sobretudo o merito da raridade, Rotterdam não ponde levantar-se da catastrophe, comquanto nos quadros que a coragem foi arrancar á voracidade do fogo haja ainda muitas obras notaveis.

De monumentos architectonicos é pobre toda a

Hollanda, e na nossa estampa se vê que não ha uma torre, um zimbório, uma cupula, uma flecha audaciosa a recortar-se no horizonte, a quebrar a monotonia rectilinea dos tectos das edificações particulares; todavia a igreja de S. Lourenço, o edificio mais antigo da cidade, pertencente á época do estylo ogival, a Prinsen-kerk, a Oost-kerk, e a Zuider-kerk são dignas da attenção dos visitantes, notando-se, na primeira, á falta de preciosidades artisticas, como contém as igrejas belgas do culto catholico, monumentos tumulares de algum valor, e sobretudo de grande recordação historica, por encerrarem as cinzas dos grandes heroes do mar, como os vice-almirantes Cornelio Witte e Kortenaer, o contra-almirante João van Brakel, e os almirantes, Ary van Nes, Hendrick e Liefde, que brilharam nos lastos da marinha neerlandeza, mesmo quando Tromp e Ruyter enchiam o mundo de assombro, e legavam aos posterios a immortalidade dos seus nomes.

Um monumento porém não pôde esquecer a quem visita Rotterdam. É a estatueta de Erasmo, erguida em 1662, na Grootte-Markt, e que passa pela obra prima de Henrique de Keiser, representando o sabio theologo em traje doutoral, com um livro na mão.

Erasmo, cujo nome de baptismo era Gerrit Gerit, que elle depois, por uns processos de traducção greco-latina, converteu em Desiderio Erasmo, nasceu em Rotterdam, em 28 de outubro, 1467, sendo filho de uma rapariga de Gouda; e foi menino do côro da cathedral de Utrecht, onde começou a revelar o seu talento no estudo do latim, que não tinha para elle segredos aos doze annos. A sua historia é a eterna historia da luta dos talentos independentes com a miseria oppressora, das consciencias honestas com a corrupção da verdade com o erro. Elles, os heroes, succumbem de fome e de abandono, mas triumpham para a posteridade, aureolados de gloria!

Não contaremos as minuciosidades da biographia dolorosa d'esse homem celebre, que encheu o mundo da fama do seu nome, e que é o filho dilecto e glorioso de Rotterdam, onde, na Broede Kerkstraat, se vê, religiosamente conservada, e decorada por uma estatueta, a casa em que elle nasceu, e que é indicada ao viajante por esta inscripção:

Hæc est parva domus magnus quæ natus Erasmus

Rotterdam, como toda a Hollanda, teve sempre por timbre, a pratica da tolerancia religiosa, notando-se a coexistencia de templos catholicos, de synagoga israelita, de igreja lutherana, de igreja episcopal ingleza, presbyteriana, arminiana, e mennonita. Alli todos os cultos, todas as crenças, todas as seitas têm por igual os direitos de cidade, e todos os sectarios e crentes das diversas religiões cooperam em comum para a grande luta da civilisação e do progresso!

Admiravel exemplo, que deve ser a inveja e a vergonha de muitas outras nações; o seu remorso pelo passado, a sua ligão para o futuro!

Mas não é esta uma feição caracteristica da cidade de que fallamos. Em Amsterdam acontece o mesmo; e se é preciso, para que finalizemos este rapido bosquejo, encontrar ainda um traço distinctivo entre as duas cidades hollandezas, um que as distinga bem, que as discrimine uma da outra, sem que seja a situação, d'esta na Hollanda septentrional, d'aquella na Hollanda meridional; se é necessario dizer como, logo á primeira vista, se differenciam perfeitamente, basta olhar para as respectivas plantas e reconhecer-se-ha que a geometria dos descendentes dos batavos, fez nas margens do Amstel uma cidade em

semi-circulo, e nas margens do Rotterdam uma cidade em triangulo.

Se isto não é differença importante!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

de Inglaterra, fez, ha pouco tempo, uma ascensão aerostatica em companhia de dois amigos.

No momento de chegar ao termo da arriscada viagem, os dois amigos saltam da barquiuha; mas o balão, aliviado do pezo, torna a subir repentinamente, levando pelos ares o desventurado Powell,

e é grande o interesse, que toda a gente toma pelos que se aventuram ás regiões aereas. D'ahi provém a curiosidade e o prazer, com que as multidões assistem aos preparativos para a jornada, á partida dos navegadores, seguindo-os com a vista, até que elles desaparecem completamente, entregues á impetuo-



A DONA DE CASA

O QUE SE SENTE N'UMA VIAGEM EM BALÃO

Os nossos leitores sabem de certo, a historia tragica, de que se tem occupado a imprensa estrangeira: o sr. Powell, membro da camara dos communs

que não saltou a tempo, e que desapareceu, sem que até hoje fosse possível ter noticia do balão perdido.

As excursões aerostaticas são ainda por extremo perigosas, apesar dos aperfeiçoamentos da sciencia;

sidade dos ventos, e ás caprichosas variações atmosphericas.

A viagem em balão fascina as imaginações vivas e ardentes, provoca o amor proprio, seduz a coragem. A serie de impressões que experimentam quasi

todas as pessoas, que levam ao cabo uma ascensão aerostatica, é descripta por um dos mais celebres peregrinos d'esta especie, e hoje damol-a com a maxima fidelidade aos leitores do «*Jornal do Domingo*» porque prende com um assumpto palpitante da actualidade.

multiplicam-se até na imaginação, e todavia o desejo de os arrostar é mais forte do que o temor e o receio. Durante essa lucta energica e tumultuosa, o sentimento dos proprios interesses, o da familia, as ligações e compromissos da vida perdem o poder a ponto de serem esquecidos, e o viajante occupa o

da que o pequeno apparelho em que vae sentado, balouçando-se no ar ergue um vôo mais altivo e arrojado, mais pungente, mais profundo é o arrependimento da sua loucura. Na gradação fogosa da ascensão o arrependimento já não é arrependimento, é terror. A sua maior vontade era renunciar á viagem,



O AVARENTO

O viajante neophyto cede primeiro a uma irresistivel tentação. O juizo, a razão, procura debalde resistir ao arrebatamento. Avaliam-se, ponderam-se maduramente os perigos, que é necessario correr,

seu logar na barquinha sem ao menos pensar rnos que lhe são mais caros. Esta absorção moral duera até o momento, em que se soltam as cordas, que porem o balão.

A scena agora é outra. O viajante tomado de um tardio arrependimento, pergunta a si mesmo de que serve aquella infecunda e louca tentativa, e á medi-

e deseja de si para si que surja algum moti o imprevisto capaz de a tornar impossivel. As mais pequenas oscillações da barca sobressaltam-n'o, espan-tam-n'o. O sangue circula nas veias com difficuldade; parece que está preso no coração. Olha com uma curiosidade estúpida para o mundo, de que se afasta, e que lhe vae desenrolando deante dos olhos um

panorama de cores formosíssimas, que desmaiam, e tendem, por cambiantes successivos, a converter-se n'um azul puro; vê tudo isto vagamente; e consciencia do perigo, a que se expoz, corre um veio de gaze por cima das suas percepções; apenas se atreve a dizer uma ou outra palavra, não se mexe, receioso de augmentar o movimento oscillatorio, que o vento e a marcha rapida imprimem á barquinha.

*
* *

Em breve apodera-se d'elle a vertigem, ou o que quer que seja, parecido com os symptoms precursadores do enjôo; cahe em tão grande insensibilidade moral, que o medo perde a intensidade e chega a desaparecer. Só tem presença de espirito para agarrar-se com força ao logar, que occupa dentro da barca.

Se o balão passa para cima d'uma nuvem, e percorre algum tempo o espaço, sem que os olhos possam descobrir o horizonte terrestre, o viajante entra de novo n'uma phase, em que recupera a consciencia da sua situação, e censura a si proprio, a sua grande temeridade. N'estas circumstancias, a tristeza e o pezar estendem-se além da sua personalidade, e levam-no a pensar com dolorosa saudade em todos os que ama com affecto.

Quando cessa o movimento ascencional, e o aerostato aproxima-se cada vez mais do limite da jornada, tornam-se mais claras as percepções, a vista progressiva da terra enche a alma de ineffavel alegria. Então não é debalde que se ostentam a seus olhos as perspectivas maravilhosas do mundo, que jaz debaixo de seus pés.

O espectáculo affigura-se-lhe cada vez mais grandioso, magico, divino. Ha pouco era a vertigem, agora é o extasis, que o domina e subjuga. Passam todos os soffrimentos e anciedades, o viajante felicita-se pela determinação, que tomou, sente-se orgulhoso da sua tentativa. A coragem, de que deu prova affoutando tantos perigos elevam-no em sua propria opinião, e se experimenta algum pezar, quando desembarca, é de que a viagem se realisasse tão depressa, e sobretudo sem ter o sabor do mais pequeno risco. Effectivamente, um risco, um perigo, a que o viajante escapa são e salvo, é um delicioso condimento para adubar a narração de suas memorias.

O DOMINGO HISTORICO

12 de fevereiro de 1841 — Confirmação da sentença que condemnou á morte o réu Diogo Alves.

Pelos annos de 1836 a 1839 a população de Lisboa andou verdadeiramente aterrada pelos crimes, que a todo o passo se commettiam na cidade, sem que a policia conseguisse descobrir os auctores d'elles, e este susto e inquietação mais e mais se agravou quando principiaram a apparecer repetidos casos de morte, no sitio dos Arcos das Agua-Livres, mortes que pela sua frequencia com difficuldade se podiam explicar pela mania do suicidio.

No meio d'esta serie de factos, que traziam sobresaltados os animos dos habitantes da capital, fez notavel sensação o assassinio de quatro pessoas da familia do medico Andrade, homem serio, estudioso e honrado, que pela sua nobre profissão e á custa de muito trabalhar, chegára a juntar uma tal ou qual fortuna.

Esse crime praticado na noite de 26 para 27 de outubro de 1839, na casa da rua das Flores n.º 16, fez com que a policia activasse as suas diligencias, e afinal chegou-se a reconhecer que o auctor de tão horroroso attentado fôra Diogo Alves, auxiliado por outros individuos e favorecido por um dos criados do medico.

Instaurado o processo foi Diogo Alves condemnado á morte, assim como os seus cumplices Manoel Joaquim da Silva, Antonio Palhares, Antonio Martins e José das Pedras, nas d'estes o ultimo, em vista da confissão, que fez quando foi interrogado e pela qual muito contribuiu para se descobrir a verdade, obteve a commutação da pena em degredo perpetuo para o presidio de Caconda.

Os dois reus Silva e Palhares, que eram militares, o primeiro desertor e o segundo soldado de infantaria 7, foram executados a 11 de dezembro de 1840, e os outros, isto é, Diogo Alves e Antonio Martins, soffreram a pena ultima a 19 de fevereiro de 1841, oito dias depois de ser, pelo supremo tribunal de justiça, confirmada a sentença proferida pela relação de Lisboa, a 20 de outubro do anno anterior.

A. O.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO
POR
ALFREDO DE BREHAT
Versão portugueza
DE
JULIO DE MAGALHÃES

(Continuado do numero antecedente)

Carmen, como os nossos leitores bem podem comprehender, viu a questão atravez de um outro prisma muito differente. Miss Clara Jenkins e Juanito conversavam um com o outro, e essa conversa ia prolongar-se durante dois ou tres dias: eis o que viu a pobre rapariga, que sentiu o coração mordido pela vibora do ciúme.

Em vez de se mostrar na margem do rio, para onde correrá com a ideia de dizer adeus de longe ao seu noivo, occultou-se mais cuidadosamente ainda por detraz dos troncos dos tamarindos. Logo que a pequena embarcação deixou de se avistar ao longe, Carmen assentou-se no chão, e desatou a chorar e a soluçar, como se tivesse perdido subitamente todas as suas esperanças de felicidade futura.

Passaram cinco longos dias, sem que o *Santa Barbara* apparecesse nas aguas de Chagres. A pobre Carmen ia todas as manhãs instalar-se á sombra dos tamarindos, e ali permanecia até á noite, apesar das exaltações pestíferas, que subiam dos imundos charcos da margem do rio, e infeccionavam o ar.

Por fim, no sexto dia, avistou a embarcação, que tão impacientemente esperava. Reconheceu-a muito de longe, e correu ao longo da margem, para mais depressa a poder ver de perto. N'aquelle momento a apaixonada rapariga havia esquecido tudo o que soffrera no dia, em que o mexicano partira, e não pensava senão no prazer de o tornar a ver, e de o estreitar de encontro ao coração.

De subito parou; as faces tornaram-se-lhe horriavelmente pallidas... Via apenas dois homens a bordo do pangaio...

Sentiu que se lhe dobravam as pernas, e viu-se forçada a encostar-se ao tronco de uma arvore para não cahir. Com quanto a distancia, a que ainda es-

tava do barco, lhe não deixasse reconhecer as pessoas, que n'elle se achavam, um secreto presentimento lhe dizia, que nenhum d'aquelles homens era Juanito. Depressa conheceu que eram bem fundadas as suas apprehensões... O barco achava-se agora a uma distancia de quarenta passos apenas, e Carmen podia percorrel-o com o olhar da pópa á prôa. Os dois homens, que o tripulavam, eram Dionysio Palmano e Carlo Barista; o arraes do *Santa Barbara* não estava no seu posto...

Os dois remadores avistaram a donzella, e dirigiram-se para o lado, em que ella estava, depois de trocarem em voz baixa e rapida algumas palavras.

—Onde está Juanito? exclamou ella no momento em que o pangaio se aproximava da terra. Que foi o que lhe aconteceu, grande Deus?!

—Nada, *dona* Carmen... respondeu Dionysio com manifesta perturbação.

—Onde está? onde ficou?

—Partiu, respondeu Carlo laconicamente.

—Partiu! Para onde?

—Para São Francisco.

—Com a americana? exclamou Carmen, ferida subitamente no coração.

Carlo respondeu com um gesto affirmativo.

—Partiu! repetiu a pobre rapariga, passando as mãos pela testa como para coordenar as ideias, que se lhe debatiam confusamente no cerebro. Não, não... é impossivel... Juanito não era capaz de praticar uma tal acção... não poderia abandonar a sua noiva de um modo tão cruel!... Ah! eu tenho a certeza de que é amor profundo o sentimento que elle me consagra... Dizei-me a verdade... Em nome da Virgem Santa, dizei-me o que se passou... Não vêdes que soffro horriavelmente?...

E ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras com voz tremula e entrecortada, a pobre Carmen fitava nos dois barqueiros os seus grandes olhos negros, razos de lagrimas.

—Juanito está ferido... morto talvez! tornou ella. Mas não partiu com a americana... É impossivel!

—Perdão, *dona* Carmen, replicou Dionysio já senhor de si. O que Carlo acaba de dizer-lhe é a verdade. O patrão apaixonou-se loucamente por *miss* Jenkins, e não houve meio de obstar a que partisse com ella. Logo que chegou a Cruces, vendeu o *Santa Barbara* a Carlo, e partiu com os americanos para São Francisco onde foi procurar fortuna.

A desventurada Carmen fez-se pallida como um cadaver, e cambaleou a ponto de que Dionysio, julgando-a prestes a cahir desmaiada, estendeu os braços para a amparar. A altiva rapariga porém fez sobre si propria um supremo esforço, e pediu ao seu orgulho de mulher offendida a coragem necessaria para resistir ao golpe, que a feria.

—No momento da despedida, não vos disse coisa alguma com respeito a mim? perguntou ella.

—Disse, sim... respondeu Dionysio, ao qual Carlo acabava de acotovelar furtivamente. Quando nos annunciou a resolução, que tomára, de partir para São Francisco, perguntou-lhe Carlo:—«E *dona* Carmen?» Ao que elle respondeu:—«Talvez d'aqui a quatro ou cinco annos eu volte a Chagres, e tenho á certeza de que ella ha de esperar o meu regresso...»

—Não, não! Juanito não podia dizer isso! exclamou a afflicta rapariga.

—Carlo, que me está ouvindo, pode declarar se foi, ou não, assim, que as coisas se passaram.

—Dionysio diz a verdade, affirmou o outro barqueiro. Juanito chegou a recommendar-nos, que lhe

escrevessemos para São Francisco, e lhe dêssemos noticias suas. Segundo elle disse, tinha receio de que *dona Carmen* adoecesse por effeito do desgosto. Eu quiz dirigir-lhe algumas censuras amigaveis pelo seu procedimento desleal, mas não tive tempo para o fazer; a americana chamou-o de longe com um gesto imperioso, e elle partiu correndo para junto d'ella.

—Juanito é um infame! murmurou a donzella, com os labios tremulos e os olhos fulgurantes de indignação. Se eu tivesse pae ou irmão, havia de elle pagar com todo o seu sangue uma tão repugnante traição! Ah! Juanito conhece mal o coração das mulheres de Chagres, e principalmente o de *Carmen*. Só Deus sabe quão intimo e profundo era o amor que eu lhe dedicava; mas tenho o sufficiente orgulho para não pensar mais em um tal ingrato!

—O que ainda é mais penoso, disse Carlo em tom contristado, é que todas as raparigas de Chagres, que tanto ciume e inveja tiveram sempre por *dona Carmen*, hão de vir a saber esta desgraçada historia, e zombar de quem teve a ingenuidade de dar o coração a um estrangeiro... Ha de ser ridicularisada, *dona Carmen*, escarnecida...

—Que me importa? interrompeu *Carmen*.

—Se *dona Carmen* tornou Carlo, que tantos pretendentes teve sempre, se resolvesse a casar já com um outro homem, ninguem se atreveria a chasquel-a... De mais a mais um tal passo chegaria logo ao conhecimento de Juanito, que havia de morder-se de raiva...

Carmen abanou tristemente a cabeça.

—Quem ha de querer casar agora comigo, sabendo que amei doidamente um outro homem? murmurou ella.

—Quero eu, *Carmen*! exclamou Dionysio com enthusiasmo. Eu, que nunca deixei de amar! Ah! sempre me convenci, de que o estrangeiro lhe havia lançado um qualquer feitiço. Se consente em casar comigo, *Carmen*, serei o mais feliz dos homens! Agora sou rico, e...

Uma vigorosa cotovellada de Carlo interrompeu bruscamente as solicitações do barqueiro.

—Pouco me importa que seja rico ou não, Dionysio... repelliu vivamente a donzella. O que eu quero é provar a Juanito que comprehendeu mal os sentimentos do meu coração, e a dignidade do meu caracter. Já que elle quer que lhe deem novas mi-nhas, escrevam-lhe e digam-lhe que vou casar... Talvez elle se arrependa do passo que deu...

As lagrimas affogaram as palavras na garganta da pobre rapariga, que se affastou um pouco para que os dois homens a não vissem chorar.

—Eis um despeito, que vae poupar-te muito trabalho... disse Carlo em voz baixa a Dionysio. Não percas a occasião, que é boa...

(Continua.)

HORAS DE OCIO

Proverbio a encontrar

Encher com um proverbio conhecido a lacuna, que está na seguinte quintilha:

És bonita realmente,
alva a tez, cabello loiro,
mas tão má e impertinente,
que eu digo frequentemente

Problema de dominó

Fazer um florão-estrella de sete braços com as vinte e oito pedras do jogo do dominó, collocadas segundo as regras do jogo.

Anagramma

Locomotiva ás direitas,
e mesmo até animal;
se me lerem invertido,
fico sendo vegetal.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Soluções dos problemas do n.º 30

Problema graphico — Adiamos para o seguinte numero a solução d'este problema.

Fantasia arithmetica — Os quatro numeros são 12, 20, 4, 64. Effectivamente estão assim satisfeitas as condições do problema:

- 1.ª — 12 + 20 + 4 + 64 = 100
- 2.ª — 12 + 4 = 16
- 3.ª — 20 - 4 = 16
- 4.ª — 4 × 4 = 16
- 5.ª — 64 : 4 = 16

Enigma anagrammatico — *Servil* — Invertido é *Livres*, dividido é *Ser* e *Vil*.

Soluções certas

Fantasia arithmetica. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), A. C. L. J. Z. (Café Tavares), Manoel Paulino de Oliveira (Porto), A. Marques Guedes (Vizeu), Hamlet (Merceana), Boyton (Porto), Vasco (Coimbra) Nadé-e (Coimbra), B. M. (Vianna do Castello), Tenêrs (Santarem).

Enigma anagrammatico — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Hamlet (Merceana), Nadege (Coimbra), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Teniers (Santarem), Edipo, Carmelita, Acertei? (Loulé).

ERRATA. — No n.º 51, secção *Horas d' Ocio* no 4.º verso, 2.ª oitava, onde se lê: louco infeliz, leia-se. lance infeliz.

No 4.º verso, 3.ª oitava, onde se lê: a rossa da formosura, leia-se: a densa da formosura.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 408)

XXXIV

Os yakutes sobretudo manejaram o patu com incomparavel destreza.

Yermac olhava e sorria. Desde que as narrtas, carregadas de viveres provenientes do *Hugo e Maria*, forneciam a alimentação quotidiana, o chefe da policia, que contava sempre que os carregadores do baleiro seriam indemnizados, accitava sem escrupulo o seu quinhão. Mostrava grande aptidão para a pesca, e era elle quem preparava a sôpa de peixe: a sua «uka» era succulenta.

Alguns dias mais tarde os fugitivos matarram tambem á paulada uma duzia de cysnes. Encontraram um bando de rennas, a que era facil aproximar, o

que fez suppôr que tinham dono. Não se enganavam: os tehuktehas, a quem pertenciam os animaes, esconderam-se quando viram a caravana de brancos.

Atravessaram com infinitas difficuldades e correndo verdadeiros perigos a região montanhosa, que os devia levar ás nascentes do Anadyr. O paiz tinha o aspecto mais selvagem que é possível. Rochedos ameaçadores erguiam-se a pique ao longo de valles profundos; o vento das tempestades entrando pelas frestas e aberturas dos precipicios, remoinhava e sahia assobiando, tornando perigosa e difficil a passagem dos desfiladeiros. Era preciso muitas vezes andar a pé ao lado dos trenos, ao longo de rochedos escarpados, á borda de precipicios, onde bastava escorregar para estar irremediavelmente perdido. Os cães andavam com grande custo.

Felizmente n'aquellas circumstancias, a neve era um obstaculo a que escorregassem. Outras vezes, eram repentinamente cercados por espessos nevociros, que lhes não deixavam ver o caminho, e o cume, sobre que se achavam, produzia o effeito de uma ilha surgindo no meio de um mar agitado.

Chegaram finalmente ao Anadyr, cujo curso parallelo á cadeia de montanhas, que corta a peninsula tehukteha, vae de norte a sul para subir depois para nordeste. Seguiram as margens do rio, e por varias vezes aproveitaram para atravessar as correntes d'agua consideraveis que ali vão ter, o barquinho de pelle, cujos materiaes foram trazidos da cabana do cabo Baranoff pelos yakutes.

Estacionaram alguns dias na embocadura do Krasnaia, um dos affluentes de Anadyr, trezentas verstes distante do mar. Era local favoravel para a caça. Além d'isso os cães tinham as patas feridas, e precisavam de repouso.

Quando novamente se puzeram a caminho foi para chegar em menos de dez dias ao ponto, em que o Anadyr deixa de ser um rio e torna-se a bahia de Onemene. Tratava-se agora de evitar o ostrog do Anadyr. Caminhavam para o sul com muita precaução, conservando-se tão perto do mar, que o podessem ver, sem serem vistos.

O mar estava ainda cheio de grandes pedaços de gelo. Era necessario esperar que todas aquellas massas se puzessem em movimento, e que os espaços d'agua se alargassem, para se poder ter esperança de ver uma vela.

Um dia, de cima d'um promontorio elevado, es fugitivos assistiram ao spectaculo mais grandioso, e mais medonho, que se pode imaginar. As torozes — os icebergs, se preferem esta denominação mais conhecida — deslocam-se primeiro com difficuldade. Fendidos pelo degelo, minados pelo mar, esbarram-se uns aos outros com enorme ruido. Outros avançam girando nas aguas livres, agitados já pelo vento; são ameaçadores com as suas arestas agudas, ou com os seus vertices vacillantes, que andam boiando. As ultimas neves cabidas, açoitadas do vento, elevam-se em pó, que escurece o ceo. De tempos a tempos destacam-se floços enormes das massas principaes com uma detonação parecida com a descarga de muitas peças d'artilheria. As ondas escumantes veem activar este trabalho de desagregação. A collisão dos montes de gelo, que fluctuam, recomeça incessantemente; precipitam-se uns sobre outros até ficarem reduzidos a pó em virtude dos choques repetidos. Tudo se esphacela e anniquilla em immensa destruição.

D'esta vez, o sol emittiu raios quentes, que tingiam de cor de rosa os lençoes brancos de neve, e a superficie azulada do gelo. As aguas esverdeadas, na sua longa impotencia, invadiam o espaço, ha-

tiam, derrubavam, destruíam, inundando de escuma os campos de gelo. A neve antiga ficava adherente á praia ao longo da bahia de Onemene, e os hummocks ainda se estendiam muito no mar; porém ao largo, o azul das ondas rivalisava com o azul dos ceos, as vagas rolavam os seus grandes arcos da margem asiatica á margem americana do estreito: o mar de Behring estava realmente aberto.

Á medida que o ceo e o mar se tornavam mais claros, Yermac tornava-se mais sombrio e taciturno. Sentia avisinbar-se a hora decisiva, em que tinha de largar a presa, pois havia momentos em que imaginava que era elle quem seguia os fugitivos; comprehendia, que apesar de querer ser implacavel, era-lhe necessario dar prova de audacia e de energia; custava-lhe, porque apoz tantos soffrimentos padecidos em commum, acabára por affeição-se áquelles desgraçados, que, fortes com a sua innocencia, busca-

descer para o mar d'Okotsk para o golfo de Penjinsk; passar ás ilhas Alentianas, ou melhor, ao Kamtehatka, e d'ahi, a exemplo do exportado Beniowski, navegar para Cantão, aportar ás ilhas das Especearias — no barquinho de pelle — para ir d'essas ilhas á America russa, como fazem intrepidamente os tchuktchas; ou então esperar que voltasse o frio, e andar em trenó, ainda a exemplo dos tchuktchas, que negociam em pelles, — os quarenta e oito kilometros, que separam a Asia da America, o cabo Oriental do cabo do Principe de Galles. Em companhia de Nadege e Ladislau todos estes meios de salvação imaginados por um espirito desvairado, tinham um valor muito mediocre.

Principiaram então as horas compridas e dolorosas de quem espera já desanimado.

Ainda que as manhãs claras fossem muito frias na borda do mar, Yegor sabia do acampamento an-

ção tangivel dos sonhos phantasticos do fumo lor de opio. O velho chaman do polo tinha tocado com a varinha as montanhas longinquoas, e de um lago azul perdido na distancia erguiam-se as muralhas e castellos de uma cidade maravilhosa, cidade immensa dos paizes do sol. Á borda do lago reflectiam-se no espelho das aguas, que as banhavam, massas de folhagem de um verde escuro, e, um pouco atraz, as cupulas brancas doiravam-se com os primeiros raios do sol. Nunca houve mais completa illusão do estio no meio das neves do universo, mais perfeito simulacro de vida na morte.

Yegor olhou instinctivamente á roda de si para convencer-se de que não estava sonhando. Foi enorme o espanto que se apoderou de ambos. Mas logo que voltaram os olhos para o Oriente, o esplendido lago azul e as linhas grandiosas da miragem vieram confundir-lhes novamente a razão pela sua belleza



ROTTERDAM

vam fugir á degradação e á infamia... Os fugitivos esperavam um navio libertador; Yermac tambem esperava esse navio, mas com o intuito de prender em flagrante delicto de evasão. A inexoravel justiça, que elle tão completamente personificava, impunha-lhe essa obrigação, e Yermac não se esquivava á tarefa que lhe estava incumbida.

Acamparam os fugitivos no fundo de uma cova, onde construíam á pressa uma cabana mais para se esconderem do que para viver. Todo o tempo, que não dedicavam á caça ou á pesca, passavam-n'o sobre os promontorios observando o mar. Não era menor a curiosidade com que Yermac estendia a vista pela superficie agitada do oceano.

Mas o mez de junho estava á porta, e nada de baleceiros. Passou-se junho, veio julho, e nada de baleceiros!

Yegor, no auge da desesperação, começou a formar planos diversos, sendo cada um mais inexecuvel do que os outros; tornar a subir o Anadyr, atravessar as montanhas que occupam a região e

da de noite para vir postar-se em cima de um rochedo elevado. O sol não estava no horizonte; mas a unica estrella branca do Este scintillava com uma luz cada vez mais fraca no amarello alaranjado da aurora, e as montanhas de neve da costa desenhavam os seus contornos cada vez mais accentuadamente. Quando, entre os pincaros longinquoos, o sol mostrava um pequeno segmento do seu disco de ouro, produzia milhares de reflexos caprichosos nos crystaes de gelo, que pendiam das hetulas da costa, dos arbustos da praia. Tudo isto eram bellezas naturaes, a que Yegor já se tinha habituado, e tornando insensivel.

Um dia de manhã levou a noiva consigo. Estavam sentados ao pé um do outro, com o espirito tristemente preocupado. De repente, Nadege levantou a cabeça para o lado, em que o atappe se estendia para o sul, limitado unicamente por montanhas de contornos indecisos, e exclamou:

— Miragem.

Yegor, olhando na mesma direcção, viu a realisa-

sobrenatural, e os grandes minaretes das mesquitas, as torres elevadas dos palacios, pareciam, mostrando-se com mais relevo, protestar contra a supposição de um sonho. Todavia a magica apparição foi pouco a pouco diminuindo de tons, resplandeceu novamente, e por ultimo desapareceu n'uma massa confusa; e das suas ruinas sahiram duas immensas columnas de marmore cor de rosa, que soldaram gradualmente uma á outra os capiteis, formando assim um portico giganteo — grande porta do ceo, sob a qual até se podia esperar ver desfilar o cortejo brilhante dos luminosos habitantes de um mundo maravilhoso. Esse portico tornou-se depois n'um castello de solidos bastiões, de torres elevadas, refugio inexpugnavel, cujas linhas e cujas sombras eram tão naturaes como a propria realidade. Depois confundiu-se tudo; a miragem desapareceu. Os noivos lançaram então a vista para o mar.

(Continua)